



“Estallar el silencio”: figurasões do feminino nos olhares sobre a história

“Estallar el silencio”: Figurations of the Feminine in the Perspectives on History

Imara Bemfica Mineiro

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco / Brasil

imarabmineiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5616-8457>

Resumo: Este artigo se propõe a analisar as figurasões do feminino em três romances históricos do período pós-guerra centro-americano: *La niña blanca y los pájaros sin pies*, da nicaraguense Rosario Aguilar (1992); *En la mirilla del Jaguar*, da guatemalteca Margarita Carrera (2002); e *A pesar de mujer*, da costa-riquenha Rosibel Morera (2004). Para tanto, à luz de leituras que associam a questão do gênero à colonialidade, são abordados os temas da vinculação do feminino ao âmbito do privado, da relação entre mulher, saber e poder, e da noção de pedagogia do feminino como dispositivo da biopolítica. Considerando a necessária relação da história com o presente e enquanto condição de projeção do porvir, reflete-se sobre a perspectiva de futuro que é possível entrever nos romances analisados.

Palavras-chave: romance histórico; mulher e literatura; Margarita Carrera; Rosibel Morera; Rosario Aguilar.

Abstract: This article proposes to analyze the figurations of the feminine in three historical novels from the Central American post-war period: *La niña blanca y los pájaros sin pies*, by the Nicaraguan Rosario Aguilar (1992); *En la mirilla del Jaguar*, by Guatemalan Margarita Carrera (2002); and *A pesar de mujer*, by Costa Rican Rosibel Morera (2004). To this end, in the light of readings that associate the issue of gender with coloniality, three motifs are addressed, namely the connection of the feminine to the private sphere, the relationship between women, knowledge and power, and the notion of pedagogy of the feminine as a device of biopolitics. Considering the necessary relationship between history and the present and as a condition for projecting the future, one reflects on the perspective of the future that is possible to glimpse in the analyzed novels.

Keywords: Historical Romance; Women and Literature; Margarita Carrera; Rosibel Morera; Rosario Aguilar.

Las palabras de mi amiga pesaron menos que un papelillo de arroz y eso casi le cuesta la vida.
Las palabras se las lleva el viento. Más aún si las dice una mujer.
Quizás por eso una mujer escribe y las reviste de ese inexplicable respeto que otorgan tinta y papel.
Para dotarlas de peso y estallar el silencio...¹

(ISTARÚ, 2021, p. 22)

Estallar el silencio

A construção social do gênero bem como os dispositivos de racialização, alicerces de organização e funcionamento da modernidade ocidental, dão o tom dos discursos sobre o passado e seguem ecoando nas experiências do presente². Nos espaços marcados pela experiência da colonização de maneira geral – e na América Latina em particular, a partir de onde refletimos sobre as questões aqui propostas – as consequências desse duplo alicerce reverberam tanto nas formas de significação do presente quanto na confecção do repertório de saberes sobre o passado. A rede de valorações da racialização e das construções de gênero arranja, desse modo, a hierarquia implícita na disposição dos corpos e das palavras, bem como na distribuição dos lugares que correspondem a cada um na superfície sensível da comunidade. Com isso, em cada configuração da partilha do sensível³, há aqueles que são vistos e ouvidos nas narrativas sobre o presente e o passado, e aqueles cujas vozes pesam menos que papel de arroz.

“Estallar el silencio” diz respeito, pois, ao gesto de conferir peso à vaporosidade dessas vozes, investindo-as do corpo da escrita, tão central na formação histórica das sociedades modernas. Vozes femininas, como sugere Ana Istarú no trecho de epígrafe, irrompem no silêncio dessa vaporosidade histórica, social e cultural decorrente das construções de gênero, explicitando

¹ “As palavras de minha amiga pesaram menos que um papel de arroz e isso quase lhe custou a vida. As palavras são levadas pelo vento. Mais ainda se são ditas por uma mulher. Talvez por isso uma mulher escreva, e revista as palavras desse inexplicável respeito que outorgam tinta e papel. Para dotá-las de peso e rebentar o silêncio [...]”. Esta e as traduções indicadas nas notas que seguem são nossas.

² Cf. LUGONES, 2008; QUIJANO, 2005.

³ Cf. RANCIÈRE, 1995, 2005.

as ausências que habitam as narrativas de significação da comunidade. A expressão diz respeito, também, a intervir no que Jacques Rancière (1995) identifica como a dimensão política da escrita, incidindo sobre o regime de sensibilidade da comunidade e abrindo derivações naquilo que é concebido como possível. É, pois, na articulação desses dois sentidos – da autoria feminina e da intervenção na partilha do sensível – que evocamos a expressão “Estallar el silencio” para abordar as obras de Rosario Aguilar, Margarita Carrera e Rosibel Morera.

La niña blanca y los pájaros sin pies (1992), *En la mirilla del Jaguar* (2002) e *A pesar de mujer* (2004) são romances que visitam diferentes momentos do passado e, por meio de distintas estratégias, recursos e enfoques, lançam seus olhares – incontornavelmente investidos de questões do presente – para tecer narrativas que se estendem sobre o que não foi contado. Em *La niña blanca y los pájaros sin pies*, Rosario Aguilar faz uma incursão aos primeiros anos da conquista da América Central através de vozes de mulheres – espanholas, astecas, chorotegas e mestiças –, insufladas de vida por uma personagem escritora que vivencia as fatídicas eleições de 1990 na Nicarágua. Margarita Carrera, com *En la mirilla del Jaguar*, se centra na Guatemala dos anos 1970 e 1980 para apresentar a biografia de Monsenhor Juan Gerardi, uma das figuras emblemáticas da Teologia da Libertação⁴ na América Latina. E em *A pesar de mujer*, Rosibel Morera mergulha na lenda medieval da Papisa Juana, inquirindo, através da trajetória da personagem, sobre as relações entre mulher, conhecimento e espiritualidade, e sobre as atribuições, características e interdições imputadas ao feminino.

Os recortes temporais e espaciais diferem, portanto, nos três romances. As estratégias narrativas, igualmente. Mas não deixam por isso de coincidir em aspectos importantes, como o gesto de se debruçar sobre o passado, recente ou remoto, a partir de questões imperativas do presente; a atenção às ausências e aos silêncios que povoam os discursos sobre o passado; e, aspecto ao que se dá especial atenção nesta análise, através das

⁴ A Teologia da Libertação é uma abordagem teológica cristã surgida na América Latina durante os anos 1960, que advoga a libertação dos oprimidos e a justiça social. Busca, na fé cristã e no evangelho, a inspiração para o compromisso contra a pobreza e pela libertação integral de mulheres e homens. Se originou com a formação das Comunidades Eclesiais de Base, o Concílio Vaticano II (1962-1965) e a Conferência Episcopal de Medellín (1968), referidos, entre outros, no romance de Margarita Carrera.

perspectivas das três autoras, o fato de que explicitam ou deixam entrever imagens do feminino e suas significações. Identificar e discutir essas imagens e significações consiste, assim, no objetivo central deste trabalho.

As assinaturas dos acordos de paz em El Salvador, em 1992, e na Guatemala, em 1996, precedidos pelo pleito presidencial de 1990 na Nicarágua, são eventos que simbolizaram o fim dos conflitos armados que sacodiram violentamente o contexto centro-americano da segunda metade do século XX. A partir daí, teve início a chamada transição democrática, caracterizada pelo ocaso dos grandes projetos revolucionários e pela instauração de programas de reestruturação econômica de viés neoliberal que debilitaram as economias nacionais, promovendo, internamente, um processo de empobrecimento dos países da região, aprofundando as assimetrias sociais e econômicas em prol de um modelo econômico balizado pelo mercado mundial (ORTIZ WALLNER, 2012a, p. 30). A carga simbólica da década de 1990 e dos processos de pacificação com o fim das formas autoritárias de governo acabou sendo desencantada, então, pelo estabelecimento de outros desenhos assimétricos de sociabilidade e de convivência (ORTIZ WALLNER, 2012a, p. 36). É a partir, pois, das complexas transformações do espaço material e simbólico centro-americano desse período, em suas dimensões externas e internas, que se cunhou o termo pós-guerra como uma delimitação histórico-temporal para as produções literárias e culturais da região a partir da década de 1990. Delimitação essa que alude ao fenômeno histórico-cultural de “explosão escritural” (ORTIZ WALLNER, 2012b, p. 74), em que o romance passou a ocupar o lugar de centralidade que ocupara nos anos 1980 o *testimonio* latino-americano.

O termo pós-guerra designa, assim, no âmbito literário centro-americano, o período de proliferação de narrativas que sucederam à proeminência da literatura de *testimonio*. A partir dos anos 1990, o romance passou a assumir uma

relevância particular como instância e meio privilegiado pela produção literária da região para a configuração de mundos e saberes plurais através das múltiplas formações e relações sociais, culturais e estéticas que coloca em cena. (ORTIZ WALLNER, 2012a, p. 16)⁵

⁵ “relevancia particular como instancia y medio privilegiado por la producción literaria de la región para la configuración de mundos y saberes plurales a través de las múltiples formaciones y relaciones sociales, culturales y estéticas que pone en escena.”

O processo de ficcionalização empreendido pelo romance é assim entendido como forma de ressignificar e reconfigurar a experiência marcada pelo signo da violência das décadas anteriores, operando como sutura do tecido social e oferecendo alternativas de simbolização da comunidade.⁶ O fim dos conflitos armados abriu as comportas de um processo de reelaboração do passado e de trabalho com a memória (MACKENBACH, 2016, p. 355). Urgia lidar com os legados das décadas precedentes que, não obstante tenham sido frutos de experiências político-sociais em países específicos como Nicarágua, El Salvador e Guatemala, reverberaram por toda a região centro-americana, impactando sua significação tanto externa quanto interna.

Respondendo à urgência de recompor o tecido social e repensar a comunidade – condição fundamental para lidar com o presente e imaginar o porvir – um significativo número de romances do pós-guerra lançou-se em incursões ao passado, tanto recente quanto remoto.⁷ É ao passado recente dos conflitos armados que remete o romance da guatemalteca Margarita Carrera, *En la mirilla del Jaguar* (2002). Entre os principais antagonistas de Monsenhor Juan Gerardi, a partir da narrativa de Carrera, é possível sugerir, estaria a ameaça ao direito à justiça e à memória dos sujeitos que vivenciaram os confrontos dos anos 1970 e 1980. Mas não apenas o passado recente foi campo de incursão do literário, pois passados remotos também foram visitados pelo romance à luz das questões do presente, explicitando personagens sociais até então marginalizados ou ausentes nos discursos históricos. Nesse sentido, as mulheres envolvidas no processo de invasão e conquista da Mesoamérica são as vozes que dão corpo ao romance de Rosario Aguilar, *La niña blanca y los pájaros sin pies* (1992), e, com isso, o romance opera um deslocamento dos ângulos de percepção e análise do período da conquista e colonização. Por fim, a obra de Rosibel Morera, *A pesar de mujer* (2004), se dirige não a um evento histórico específico do continente, mas ao passado lendário medieval da Papisa Juana, explicitando e questionando atribuições e interdições imputadas às mulheres pela Igreja Católica. Se o período do pós-guerra na

⁶ Nesse sentido, o romance do pós-guerra vem sendo discutido por autores como Alexandra Ortiz Wallner (2012b), e Valeria Grimberg e Werner Mackenbach (2018) como espaço de pensamento e de produção de saber sobre a comunidade na medida em que mostra, questiona e/ou subverte as chaves de compreensão e representação dos processos sociais e históricos, explicitando a complexidade do entramado cultural e histórico da região.

⁷ Cf. GRIMBERG; MACKENBACH, 2018.

América Central sinaliza para a necessidade de ressignificar a comunidade e reconstituir o tecido social, os três romances participam, cada um em sua especificidade, com a contribuição de seu olhar sobre o passado como forma de lidar com o presente e oferecer elementos para o futuro.

Figurações do feminino

Dimensão essencial do exercício do poder, como mostrou Michel Foucault, os corpos recebem inscrições tanto na ordem material de uma dominação concreta, “densa, constante e meticulosa” (FOUCAULT, 1979, p. 105-106) – expressa em instituições disciplinares como escolas, prisões e hospícios –, como em uma ordem mais sutil, concernente ao governo das subjetividades. Entre os dispositivos de articulação da biopolítica se estabelecem as construções de gênero e uma “pedagogia de la feminidad” pautada na submissão e vinculada à “inquestionável [...] matriz heterossexual como fundamento e primeira lição de todas as outras formas de relação de dominação”⁸ (SEGATO, 2014, p. 61). Tal pedagogia assenta-se em um “imaginário coletivo colonial-moderno que nos atravessa”⁹, afirma Segato (2014, p. 62), organizado a partir da noção de gênero enquanto eixo hierárquico e desigual, por meio do qual

a posição masculina sequestra para si a plataforma de enunciação de verdades de interesse universal chamada ‘esfera pública’ e se coloca na posição de sujeito paradigmático do humano pleno e englobante, num gesto que expelle a posição feminina à condição de margem, resto, particularidade, questão de intimidade. (SEGATO, 2014, p. 62-63)¹⁰

Com o estabelecimento da categoria de gênero como herança inextricável das estruturas da colonialidade¹¹, o feminino fica, entre outras coisas, relegado, assim, ao espaço do “privado” e da “intimidade”. Espaço este

⁸ “inapelable [...] matriz heterossexual como fundamento y primera lección de todas las otras formas de relación de dominación”.

⁹ “imaginario colectivo colonial-moderno que nos atraviesa”.

¹⁰ “la posición masculina secuestra para sí la plataforma de enunciación de verdades de interés universal llamada “esfera pública” y se coloca en la posición de sujeto paradigmático de lo Humano pleno y englobante, en un gesto que expulsa a la posición femenina a la calidad de margen, resto, particularidad, cuestión de intimidad.”

¹¹ Cf. LUGONES, 2014; OYĚWÙMÍ, 2017.

exteriorizado das narrativas historiográficas até as transformações teóricas e meta-históricas de meados do século XX, e tributárias de uma hermenêutica literária do mundo que democratiza a atenção a sujeitos e temas ordinários (RANCIÈRE, 2007). Exteriorizado também, até recentemente, das camadas mais “altas” do conhecimento institucionalizado das artes, da religião e das ciências – que se ocuparam de justificar e fundamentar a inferioridade de tudo aquilo que não fosse o homem branco heterossexual (CALVO, 2013). Atravessada pela noção de submissão, a “pedagogia da feminilidade” à qual se refere Segato (2014) articula-se e retroalimenta a construção social de gênero que, se bem tenha passado por transformações no contato com diferentes contextos históricos, ainda padece com o paradigma moderno-ocidental do “Complexo de Édipo” que mantém o feminino numa concepção epistemológica – social e psicológica – da subserviência e da marginalidade¹².

É, pois, nas dimensões desse contexto que os romances de Rosario Aguilar, Margarita Carrera e Rosibel Morera são localizados. Entre os três, é importante observar, apenas os romances de Rosario Aguilar, *La niña blanca y los pájaros sin pies*, e o de Rosibel Morera, *A pesar de mujer*, colocam a mulher e o tema do feminino na centralidade das narrativas. Diferentemente, *En la mirilla del Jaguar* tem como cerne a figura de Monseñor Gerardi, e no livro as imagens de mulheres são extremamente escassas, uma vez que a narrativa se centra, sobretudo, em personagens dos meios eclesiástico e militar. Ainda assim, as poucas menções a mulheres e ao feminino possibilitam que as reflexões aqui propostas se estendam também à obra de Margarita Carrera no que concerne a alguns dos aspectos que serão abordados, quais sejam: a relação da mulher com o âmbito de um privado invisível na partilha do sensível; a relação da mulher com o saber e o poder em associação à noção de pecado ou perturbação; representações de uma pedagogia do feminino, referente ao que se espera, à divisão de tarefas, lugares e vozes na comunidade.

“Efetivamente, olhando em linhas gerais as atividades humanas, poucas vezes se descobrem nomes de mulher”¹³, observa Rosibel Morera (2004, p. 11) no prólogo ao romance sobre a Papisa Juana. Com o título muito direto de “La mujer fuera de la historia”, a autora costarriquenha

¹² Cf. KASCHAK, 2020.

¹³ “En efecto, mirando en largos trazos la historia de las actividades humanas pocas veces se descubren nombres de mujer”.

se pergunta, nesse prólogo, sobre a ausência de pensadoras e personagens políticas e religiosas nos registros históricos:

Fazendo um fugaz passeio pela História, terminamos nos perguntando: Onde estão as pensadoras gregas? Onde estão as discípulas de Sócrates dialogando com ele nos banquetes que Platão narra minuciosamente? Onde estão as escultoras, as arquitetas, as trágicas dramaturgas...? (MORERA, 2004, p. 11)¹⁴

A lista de omissões que elenca a partir daí é extensa, atravessa geografias e culturas as mais diversas, e culmina em outros interrogantes: “Em que recanto do tempo nos perdemos? Estivemos outra coisa do que perdidas alguma vez? E, em todo caso, por que permitimos isso?”¹⁵ (MORERA, 2004, p. 12). São essas questões que pavimentam a entrada da narrativa de *A pesar de mujer*, sinalizando para o engajamento da visita à lenda medieval e ao compromisso histórico de intervir na partilha do sensível: “Não aspiramos que ela deixe de ser o que é. Ainda que, sim, necessitemos que intervenha e imprima seu selo na condução visível das coisas”¹⁶ (MORERA, 2004, p. 12).

Nesse mesmo sentido de intervenção na superfície de visibilidade, uma das epígrafes de *La niña blanca y los pájaros sin pies* constata: “Não, não restaram fotos delas, nem vídeos. Suas risadas e seus prantos, os suspiros e desejos ficaram pairando ao vento”¹⁷ (AGUILAR, 1992, p. 13). Não somente as palavras são levadas pelo vento, como denunciado na epígrafe de Ana Istarú, mas também os prantos, suspiros e desejos das mulheres que povoaram o passado. Sua omissão nos registros e na historiografia é o que motiva a autora nicaraguense na escrita do romance. Em entrevista à

¹⁴ “Haciendo un fugaz paseo por la Historia, termina uno preguntándose: ¿Dónde están las pensadoras griegas? ¿Dónde las discípulas de Sócrates dialogando con él en los banquetes que narra puntilliosamente Platón? ¿Dónde las escultoras, las arquitectas, las trágicas dramaturgas...?”

¹⁵ “¿En qué recodo del tiempo nos perdimos? ¿Estuvimos otra cosa que perdidas alguna vez? Y en todo caso, ¿por qué lo hemos permitido?”

¹⁶ “No aspiramos a que ella deje de ser lo que es. Aunque sí necesitamos que intervenga e imprima su sello en la conducción visible de las cosas.”

¹⁷ “No, no quedaron fotos de ellas, ni videos. Sus risas y llantos, los suspiros y anhelos, quedaron rondando en el viento.”

Consuelo Meza Márquez, Rosario Aguilar comenta o que encontra e, mais especialmente, o que não encontra na documentação do período colonial:

Vão e vêm as cartas, e são mais importantes os cavalos, os barcos, tudo, nunca as mulheres. Então me empenhei em procurar por elas e a ler todos os cronistas sobre a América Central [...]. Quando encontrava o nome de uma mulher, me detinha e o anotava. Li os cronistas indígenas também e aconteceu o mesmo, então eu me disse: ‘tenho que dar voz a estas mulheres que silenciaram durante cinco séculos’; e assim eu fiz. (AGUILAR *apud* MEZA MÁRQUEZ, 2009, p. 203)¹⁸

Nesse mesmo trabalho, intitulado “Utopía y compromiso: relatos de vida de seis narradoras centroamericanas”, Consuelo Meza Márquez (2009) entrevista Tatiana Lobo, autora de *Asalto al Paraíso* (1992), considerado, ao lado de *La niña blanca y los pájaros sin pies*, publicado no mesmo ano, inaugural da onda de romances históricos contemporâneos na região. Nessa entrevista, Tatiana Lobo observa que a negação ou a obliteração das vidas privadas pela historiografia tradicional foi o que manteve, por tanto tempo, as mulheres fora da História (MEZA MÁRQUEZ, 2009, p. 188).

A invisibilidade do privado

Ao romance coube, pois, abordar o âmbito do privado, constituindo o que Rancière (2007) aponta como uma hermenêutica literária do mundo, cujo impacto teria sido definitivo para as ciências humanas e sociais contemporâneas. A colocação de Tatiana Lobo chama a atenção para a atribuição do privado ao feminino na distribuição dos lugares pertinentes aos sujeitos, caracterizando a partilha sensível da comunidade: o que é visto, o que é ouvido, o que é percebido como comum, e o que está repartido em partes exclusivas. E, ainda, a quem corresponde cada lugar nas ocupações cotidianas que compõem o tecido social, e quem são os sujeitos que habitam os registros históricos sobre a comunidade e as narrativas de seu passado. Nesse sentido, ao reclamar o papel histórico de sujeitos escanteados do

¹⁸ “Van y vuelven las cartas, y son más importantes los caballos, los barcos y todo, las mujeres nunca. Entonces me empeñé a buscarlas y leer todos los cronistas sobre Centroamérica [...]. Cuando encontraba el nombre de una mujer, me detenía y lo anotaba. Leí a los cronistas indígenas también y lo mismo me pasó, entonces me dije: ‘tengo que dar voz a estas mujeres que las silenciaron durante cinco siglos’; así lo hice.”

imaginário sobre o passado, o romance provoca a reformulação do discurso historiográfico e impacta na redistribuição simbólica e sensível desses personagens sociais e dos lugares que lhes são imputados.

Tatiana Lobo, nessa mesma entrevista, explicita o óbvio: “a história não se fez sem as mulheres”¹⁹, elas sempre estiveram presentes. E com isso não se refere às mulheres excepcionais, “porque isso são, exceções”²⁰, eventualmente reivindicadas “como isso, como excepcionais para confirmar a regra”²¹ (LOBO *apud* MEZA MÁRQUEZ, 2009, p. 188). Como chama a atenção Tatiana Lobo, as mulheres não precisam executar grandes atos heroicos para existir, existem na cotidianidade. Essa cotidianidade, que esteve fora da metodologia historiográfica por muito tempo e que, concomitantemente, foi permeada pelos discursos de inferiorização proferidos por aqueles a quem correspondia o espaço público²², sempre esteve habitada, em nosso continente, por mulheres e sujeitos racializados.

É, pois, no âmbito do privado que entrevemos algumas das poucas figuras femininas no romance de Margarita Carrera, como, por exemplo, quando apresenta, logo no início do texto, o soldado que havia sido escalado para coordenar a emboscada e o assassinato de Monseñor Gerardi. Um entre os muitos recrutados por militares na região do Quiché onde Juan Gerardi era bispo, Pedro Arcaj se lembrava do padre:

O padre havia sido bom com ele, ainda que sempre falasse bobagens, que não bebesse, que não maltratasse sua mulher. Filha de uma cadela. Em quem, senão nela, descarregar sua vontade de brigar? E não saberia que batia em sua mulher se um dia não a tivesse encontrado cheia de hematomas na igreja. (CARRERA, 2002, p. 9-10)²³

A mulher de Pedro Arcaj emerge na narrativa ao sair do âmbito doméstico levando as marcas da relação privada ao espaço da igreja. Sua presença como uma espécie de figurante no relato sobre o atentado,

¹⁹ “la historia no se ha hecho sin las mujeres”.

²⁰ “porque eso son, excepciones”.

²¹ “como eso, como excepcionales para confirmar la regla”.

²² Cf. CALVO, 2013; KASCHAK, 2020.

²³ “El cura había sido bueno con él aunque siempre hablaba de babosadas, que no chupara, que no maltratara a su mujer. Hija de perra, ¿en quién, si no, descargar sus ganas de pleito? Y no hubiera sabido que golpeaba a su mujer si un día no la hubiera encontrado toda moreteada en la iglesia.”

não obstante, representa um dos campos de atuação do bispo biografado. Assim, ainda que escassas as aparições de figuras femininas no romance de Margarita Carrera, essa cena sobre a mulher de Pedro Arcaj insere, já na primeira página do romance, o tema da mulher no rol de preocupações, atuação e legado de Monseñor Gerardi. E se *En la mirilla del Jaguar* se faz um tributo à memória e ao legado do bispo de Quiché, e da Teologia da Libertação de modo mais geral, o tema da mulher é, desse modo, colocado na pauta desse tributo e dessa história.

No romance de Rosario Aguilar, por sua vez, há uma convivência entre as dimensões do privado e do público no que concerne ao universo feminino narrado. Se bem as relações de intimidade ou de introspecção sejam importantes e volumosas no relato, algumas das protagonistas ocupam, de fato, papel público, como de governadora, por exemplo. Tal é o caso de Doña Isabel de Bobadilla, descrita como a “primeira mulher que chegava para povoar e governar a Terra Firme acompanhando seu esposo, com uma corte própria. E de este lado do oceano! desse mar que havia navegado, cruzado, quando ainda não estava bem claro o que ali havia”²⁴ (AGUILAR, 1992, p. 15). Doña Isabel é a primeira mulher espanhola que chega para governar, mas não a primeira mulher e ponto. Com ela, chegam também suas damas de companhia, amas que vieram da Espanha na mesma embarcação. Mas nesta Terra Firme, antes de atracarem os “muitos navios e mais de mil e quinhentos homens”²⁵, Doña Isabel “e, com ela, suas damas de compañía”²⁶ (AGUILAR, 1992, p. 16) habitavam outras muitas mulheres. Entre elas, Doña Luísa, única protagonista que narra em primeira pessoa seu relato do período da conquista, e que assim conta como foi designada para uma estratégia de guerra:

A mais confiável, a melhor. A única filha mulher do meu pai, o cacique Xicotenga. Uma educação esmerada tenho. Bela e de grande linhagem sou. [...]. Inesperadamente fui escolhida, com outras quatro virgens, filhas de caciques todas, para uma estratégia de guerra disfarçada de hospitalidade. (AGUILAR, 1992, p. 49)²⁷

²⁴ “primera mujer que llegaba a poblar y gobernar a Tierra Firme acompañando su esposo, con una corte propia! y a este lado del mar océano! de esa mar que había navegado, cruzado, cuando todavía no estaba muy claro lo que allí había”.

²⁵ “muchos navíos y más de mil quinientos hombres”.

²⁶ “y con ella sus damas de compañía”.

²⁷ “La de más confianza, la mejor. La única hija hembra de mi padre el cacique Xicotenga. Una educación esmerada tengo. Bella y de gran alcurnia soy. [...] Inesperadamente fui

Doña Luísa, filha de um importante cacique de Tlaxcala, articula também as dimensões do público e do privado em sua narrativa. A própria estratégia dos caciques envolvia o imbricamento das duas dimensões: “Fomos escolhidas, as cinco donzelas, para penetrar a intimidade dos invasores e assim conhecê-los a fundo, e esclarecer, de uma vez por todas, se eram deuses ou homens. Para tanto, de imediato, nos deram instruções especiais.”²⁸ (AGUILAR, 1992, p. 50).

Penetrar a intimidade era o caminho traçado para a contraconquista: “Fomos instruídas e recomendadas a conquistá-los por amor...”²⁹, conta Luísa (AGUILAR, 1992, p. 51). Doña Isabel e Doña Luísa, certamente as personagens mais fortes do romance, transitam por afazeres relacionados ao âmbito público: governar, negociar com a Coroa espanhola, participar de táticas de guerra. Não obstante, é na dimensão do privado e da introspecção que as narrativas ganham renda solta. E, nessa dimensão, é curioso perceber como a altivez e a autonomia de pensamento, que fazem dessas personagens tão fortes e emblemáticas, e as tensões dos primeiros anos da conquista dão lugar, no correr do romance, a uma loucura oriunda do deslocamento cultural: uma, da Península e da vida cortesã às políticas da colonização em Terra Firme; outra, da nobreza no cacicado indígena ao leito do conquistador e à consequente subjugação por seu gênero e por sua raça.

Diferentemente das obras de Margarita Carrera e Rosario Aguilar, em *A pesar de mujer*, Rosibel Morera centra a narrativa em uma mulher excepcional – conforme a definição de Tatiana Lobo mencionada anteriormente. O romance narra a jornada da protagonista que paulatinamente atravessa as interdições erguidas à mulher em cada etapa da formação clerical. Nesse percurso, discute com seus convivas, desde os colegas seminaristas até a mais alta cúpula da Igreja Católica, sobre a competência cognitiva, a capacidade intelectual e a desigualdade de condições das mulheres:

escogida, con otras cuatro vírgenes, hijas de caciques todas, para una estrategia de guerra disfrazada de hospitalidad.”

²⁸ “Las cinco doncellas habíamos sido escogidas para penetrar en la intimidad de los invasores y así conocerlos a fondo, y dilucidar de una vez por todas si eran dioses u hombres. Para lo cual, a toda prisa, nos dieron instrucciones especiales”.

²⁹ “Se nos instruyó y recomendó conquistarlos por amor...”.

[...] dê o homem à mulher provar suas qualidades. Até hoje não se fez outra coisa que julgá-la a priori como incapaz de reflexão ou de crítica, sem que a prática tenha provado alguma coisa que não seja proveniente de sua própria condição de escravidão e ignorância. Que primeiro se ensine às mulheres, que lhes sejam dadas as mesmas armas, e depois disso se poderá julgar o quão é mais ou menos capaz que o homem. Igualdade de condições na corrida, amigos, para saber depois quem é o melhor corredor. Nem sequer se permite à mulher correr. Simplesmente se afirma que correr não é próprio de seu sexo. (MORERA, 2004, p. 60)³⁰

Contudo, o percurso da excepcionalidade de María Inés é travestido de regularidade na medida em que, para transitar pelas camadas da formação e do ofício eclesiástico, ela se passa por homem. Somente no espaço da intimidade com o amante e cúmplice José de Italbin, Maria é abertamente mulher. Em público, ela se apresenta como Pedro. No âmbito privado da intimidade, quando é Maria e não Pedro, cada passo de sua trajetória é negociado e autorizado pelo parceiro.

Mulher, saber e poder

A questão que atravessa, do início ao fim, o romance de Rosibel Morera diz respeito ao veto da mulher ao saber institucionalizado, às artes, à política e, principalmente, ao percurso clerical. O saber institucionalizado é tematizado no início do romance, quando Maria Inés frequenta a escola e decide seguir estudando. O amante de Maria, que então cogita pedir-lhe a mão em casamento, sob o falso pretexto de que ela estaria grávida, é advertido pelo seu pai:

Ela não poderá te dar muitos filhos [...], porque o desenvolvimento da inteligência, na mulher, mingua a capacidade procriadora. Além disso, meu filho, para que você vai querer compartilhar sua vida com uma

³⁰ “[...] dele el hombre oportunidad a la mujer de probar sus cualidades. Hasta la fecha no se ha hecho otra cosa que juzgarla a priori como incapaz de reflexión o de crítica, sin que la práctica haya probado otra cosa que no provenga de su misma esclavitud y su consabida ignorancia. Enséñese primero a la mujer, désele las mismas armas, luego se podrá juzgar cuánto más capaz o menos es que el hombre. Igualdad de condiciones en la carrera, amigos, para saber después quién es el mejor corredor. Ni siquiera se permite correr a la mujer. Sencillamente se afirma que correr no es propio de su sexo.”

mulher que, nascida com seu intelecto invertido a tal ponto que é mais homem do que mulher quando pensa, não poderá te presentear com a vida, mas com a insignificância própria de sua natureza, que certamente confundirá, como fazem todas, religião com superstição, o profundo com o vão, o essencial com o superficial, quando, pelo contrário, seja se recluindo no monastério, seja se disciplinando nalgum cargo do Estado, você poderia fazer da sua vida um compartilhar contínuo com varões, onde sempre estão presentes os altos valores do espírito, do poder político e da glória. (MORERA, 2004, p. 44-45)³¹

Esse discurso do pai de José de Italbin nomeia as interdições e as exclusões que Maria se obstina em contestar, por meio do exemplo de sua vida, na medida em que vai conquistando os “altos valores do espírito, do poder político e da glória”, encarnados, ao fim e ao cabo, pelo papado. Se bem colocados na boca de um personagem da Europa medieval, os pilares do discurso do pai de José povoariam, de diferentes formas, o mundo das ideias – mas também das representações e práticas – ocidentais até, pelo menos, o século XIX. À medida que os campos do conhecimento vão tomando diferentes formas e assentando-se sobre diferentes princípios ao longo da história, é certo, os pilares de tais concepções acerca da inferioridade feminina – e de sujeitos racializados – vão sendo pressupostos e justificados a partir de outros ângulos, como mostrou Yadira Calvo no seu *La aritmética del patriarcado* (2013). A contemporaneidade de *A pesar de mujer* nos incita a refletir sobre o peso histórico desses processos que ainda carregamos no presente, e sobre a imperativa necessidade de, em pleno século XXI, defender e argumentar acerca do direito da mulher ao conhecimento e ao poder. Porque, ao fim e ao cabo, esse é o argumento central do romance de Rosibel Morera.

Quando chega o momento de receber a consagração, Maria, que já se passava por Pedro para frequentar o seminário em York, pede a José que

³¹ “Ella no podrá darte muchos hijos [...], porque en la mujer el desarrollo de la inteligencia mengua la capacidad procreadora. Además, hijo, para qué querrás compartir tu vida con una mujer que si bien nació con su intelecto invertido a tal punto que es más hombre que mujer cuando piensa, no podrá regalarte la vida sino con insignificancia propia de su naturaleza, que confundirá, seguramente, como lo hacen todas, religión con superstición, lo profundo con lo vano, lo esencial con lo superficial, cuando por el contrario, ya sea reclusión en un monasterio, o disciplinándose en algún puesto del Estado, harías de tu vida un continuo compartir con varones, en donde siempre juegan los altos valores del espíritu, del poder político y de la gloria.”

a deixe receber a ordenação, ao invés de mudar-se para outra cidade, como haviam planejado inicialmente. E argumenta:

Em todos estes anos não tive acesso a nada que uma mulher não fosse capaz de conhecer. Agora sei que nada justifica nossa exclusão do sacerdócio. E penso, José, que se uma de nós, eu, finalmente tem a possibilidade de ver reparada essa injustiça, é meu dever seguir adiante. [...] Conheço tudo o que deve saber um sacerdote. Só me falta a consagração. Acredito merecer esse direito. (MORERA, 2004, p. 76)³²

Então Maria sinaliza para a mundanidade das normas eclesiais, que reverberam as concepções históricas de desqualificação e inferiorização das mulheres:

Os evangelhos não legislam sobre isso. Não legislam absolutamente sobre os assuntos administrativos da Igreja. Portanto, podemos concluir que toda ela é fundação de homens tão falíveis como nós, e que não fizeram mais do que beber no mar de preconceitos que há séculos pesa sobre as mulheres. (MORERA, 2004, p. 77-78)³³

Essa vinculação entre o exercício do poder por mulheres e o pecado figura, também, em *La niña blanca y los pájaros sin pies*. Doña María de Peñalosa, filha de Doña Isabel de Bobadilla, sobre quem comentamos em linhas anteriores, por mais de uma vez se pergunta sobre o caráter pecaminoso de seu prazer em exercer cargos de comando:

Como havia se deleitado sendo a governadora, a mulher mais importante na Terra Firme! Mandar, ser como a dona e a rainha. Sim, isso sempre lhe causou uma sensação agradável que a satisfazia plenamente e que, provavelmente, se tivesse dito ao confessor, ele

³² “En todos estos años no he tenido acceso a nada que no pudiera conocer una mujer. Ahora sé que nada justifica nuestra exclusión del sacerdocio. Y pienso, José, que si una de nosotras, yo, tiene por fin la posibilidad de ver reparada esta injusticia, es mi deber seguir adelante. [...] Conozco todo lo que debe saber un sacerdote. Sólo me falta la consagración. Creo merecer ese derecho.”

³³ “Los evangelios no legislan sobre eso. No legislan en absoluto sobre los asuntos administrativos de la Iglesia. Por tanto podemos concluir que toda ella es fundación de hombres tan falibles como nosotros, y que no hicieron sino beber en el mar del prejuicio que sobre la mujer ha pesado desde hace siglos.”

teria imposto uma dura penitência. Isso foi pecado? (AGUILAR, 1992, p. 152)³⁴

Diferentemente de outras personagens espanholas retratadas no romance de Rosario Aguilar, Doña María, assim como sua mãe, não se fragilizava por viver longe da Península: “Que ninguém duvidasse, que todos compreendessem, quem era a que mandaria na Província! Governadora, dona de vidas e terras. Cheia de energia... Não temia o novo mundo.”³⁵ (AGUILAR, 1992, p. 157). Na América, tornou-se a mulher mais rica e poderosa de todas as províncias (AGUILAR, 1992, p. 164). Desde pequena, quando vivia interna no convento espanhol, as monjas a castigavam e chamavam sua atenção inúmeras vezes por não abaixar o olhar, diziam que cometia o pecado capital da soberba: “A obrigava a baixar o olhar em sinal de obediência e humildade”³⁶ (AGUILAR, 1992, p. 167).

Tanto o romance de Rosibel Morera quanto o de Rosario Aguilar transparecem, portanto, a associação entre saber, poder e pecado, quando infringidas as barreiras do costume por personagens femininas. No romance de Margarita Carrera, como já observado, são parcas as alusões a mulheres, seja como sujeitos anônimos da história, como a esposa de Pedro Arcaj, seja entre os personagens históricos nomeados, oriundos maiormente dos ambientes militares ou eclesiásticos, notadamente marcados pela masculinidade. Por isso mesmo, chama a atenção quando é mencionado, entre os nomes que sobressaem da lista de “comunistas mais importantes” na mira do governo militar guatemalteco, o de Alaíde Foppa ao lado do de Monseñor Gerardi. A alusão à figura da escritora e militante lança luz sobre sua relevância na história, na política e nas artes, tanto da Guatemala e Centro-América quanto da América Latina de modo mais amplo. De certa forma, sua menção situa Alaíde Foppa ao lado de Monseñor Juan Gerardi e das inúmeras mulheres e homens para os quais o romance de Margarita Carrera reclama o dever de memória e justiça ao honrar a trajetória do bispo.

³⁴ “¿Cómo había disfrutado siendo la gobernadora, la mujer más importante en Tierra Firme! Mandar, ser como la dueña y la reina. Sí, siempre le dio una sensación agradable que la había colmado plenamente y que, seguramente, si se lo hubiera dicho a su confesor, le hubiera impuesto una fuerte penitencia. ¿Fue eso pecado?”

³⁵ “¿Que nadie dudara, que todos comprendieran, quién era la que mandaría en la Provincia! Gobernadora, dueña de vida y haciendas. Llena de energías... No le temía al nuevo mundo.”

³⁶ “La obligaba a bajarla [la mirada] en señal de obediencia y humildad.”

É evidente que a abordagem de *En la mirilla del Jaguar* sobre uma mulher letrada e engajada no passado recente da década de 1980 difere fundamentalmente do fundo pecaminoso que acompanha a questão do acesso ao saber e à política nos romances de Rosibel Morera e Rosario Aguilar, ao situarem suas narrativas no passado medieval e nos primeiros anos da conquista. Também os imperativos em cada uma dessas épocas são distintos: Alaíde Foppa foi vítima do governo militar durante os conflitos armados. Mas o que os três romances apresentam, a despeito de suas diferenças fundamentais e da intensidade com a qual abordam o tema, é uma perturbação causada pela aliança entre mulher, conhecimento e atuação política. E tal perturbação está relacionada, nos três romances, a uma recusa a ocupar o lugar de subserviência. Está relacionada ao tensionamento dos limites da visibilidade e do privado, elemento dorsal na constituição dos papéis sociais historicamente imputados ao feminino.

A “obediência e a humildade” que a monja tratava inutilmente de ensinar à menina Maria no romance de Rosario Aguilar, o esperado respeito às interdições dogmáticas e administrativas da Igreja bem como a conformação com a funcionalidade procriadora e “insignificância própria da natureza feminina” que inconformavam a personagem do romance de Rosibel Morera (2004, p.44) ilustram dispositivos de subjetivação de um modelo de submissão que as protagonistas transgridem no cerne das narrativas. Nesse sentido, enquanto romances históricos, essas narrativas reconfiguram o sensível partilhado, reformulam a distribuição da palavra conforme os sujeitos e seus correspondentes lugares no gesto retrospectivo de visitar o passado. Confrontam a constituição subjetiva e cultural que compõe o que Rita Segato nomeou “pedagogía de la feminidad”, intervindo na própria memória sobre essa constituição como um fato dado e inequívoco.

“Não se fez a mulher para sabedorias. A mulher é instrumento do pecado. Mal faz quem a adorna com as armas do conhecimento, porque ela não faz mais do que refinar as estratégias de suas debilidades”³⁷ (MORERA, 2004, p. 97), opina o ex-bispo de Lyon, antagonista de Pedro. Para não se submeter aos dispositivos da biopolítica, Maria Inés precisa encobrir seu corpo feminino. Mas as palavras e os pensamentos são os seus, a sagacidade

³⁷ “No se hizo la mujer para sabidurías. La mujer es instrumento del pecado. Mal hace quien la adorna con las armas del conocimiento, pues no hace sino refinar las estrategias de sus faltas.”

intelectual bem como a destreza política são o que a levam a ser cogitada para assumir o posto máximo da Igreja. Contudo, aos olhos alheios, tais características são atribuídas ao masculino: “é um tanto feminino, porém, suas qualidades viris são muito mais notórias. É forte, capaz, hábil, vigoroso em suas decisões. Daria um bom Papa”³⁸ (MORERA, 2004, p. 154). Dada a delicada situação em que se coloca, ao relacionar-se com todos a partir da identidade de Pedro, com exceção de José de Itálin, somente para ele Maria se confessa. Em uma dessas confissões, ela nomeia seu maior pecado: “Acusome de ser mulher, padre Itálin, e de não aceitar o que me dizem que a mulher seja”³⁹ (MORERA, 2004, p. 115). Na verdade, Maria recusa-se a aceitar o que se ensina – de formas explícitas e implícitas – sobre como ser mulher, que espaços ocupar, o que pode ou não saber. Ela confronta essa pedagogia do feminino pautada pela interdição e pela subjetivação da submissão.

Pedagogia do feminino

Essa pedagogia do feminino é retratada em *La niña blanca y los pájaros sin pies* como fruto da conquista e da colonização. O que é interessante no relato de Rosario Aguilar é que esse ensinar a ser mulher fica a cargo das próprias mulheres espanholas, amestradas pelos valores católicos e patriarcais. Nesse sentido, após chegar à América, Doña Isabel se dedica “a catequizar algumas índias, cuidar que fossem batizadas. Ensinava a elas como se vestir à europeia, mais que nada pelo bem-estar das índias. Se se vestiam à europeia não deixavam muito para ser visto e eram menos violadas pelos cristãos”⁴⁰ (AGUILAR, 1992, p. 27). O vestir protegia os corpos dos olhares, a catequese protegia os corpos da violência inadvertida causada pelos mesmos olhares que, além de mulheres, as viam como seres inferiores e sem alma: “O vestir era fundamental, mas era muito mais importante que fossem batizadas... Muitas coisas não se justificariam, assim,

³⁸ “es un tanto femenino, pero sus cualidades viriles son mucho más notorias. Es fuerte, capaz, hábil, recio en sus decisiones. Haría un buen Papa.”

³⁹ “Acúsome de ser mujer, padre Itálin, y de no aceptar lo que me dicen que la mujer sea.”

⁴⁰ “a catequizar a algunas indias, cuidar que las bautizaran. Les enseñaba a vestir a la europea, más que todo por el bien estar de las indias. Si vestían a la europea, no se miraban bien y eran menos violentadas por los cristianos.”

com o pretexto de que não eram cristãs”⁴¹ (AGUILAR, 1992, p. 27), reflete Doña Isabel. O próprio binômio homem-mulher, organizado conforme a hierarquia dos colonizadores, é uma herança desse período da conquista que relega à mulher um espaço reduzido de subordinação (ROBLES SANTANA, 2014, p. 272). O romance de Rosario Aguilar ilustra alguns momentos do processo de instauração e consolidação desse binômio.

Por sua vez, Doña Luísa, que como La Malinche foi cedida por seu pai, o cacique Xicotenga, ao conquistador Pedro de Alvarado como estratégia de contraconquista, narra sua paulatina derrota: “À medida que o México vai sendo conquistado, dominado, vencido... também eu estou sendo derrotada, porque começou a afundar, proporcionalmente, o poder, o domínio de minha família...”⁴² (AGUILAR, 1992, p. 66). Então, descreve como percebe sua própria entrada nesse universo cultural da submissão: “Me tornei uma mulher calada, submissa, temerosa...”⁴³ (AGUILAR, 1992, p. 69). Luísa carrega as marcas do gênero e da racialização e atravessa, assim, o duplo processo de subalternização.

As heranças desse processo no qual se origina a modernidade patriarcal marcada pela racialização dos corpos e pela colonialidade do ser são sentidas também pela personagem autora de Rosario Aguilar. A jornalista nicaraguense, que ciceroneia um jornalista espanhol em sua passagem pela Nicarágua nos anos 1990, conta sobre a visita que fizeram a León Viejo e que deu origem ao romance: “Entusiasmada, comecei a relatar ao meu acompanhante o que eu imaginava que havia sucedido naquela cidade há quase cinco séculos. [...] Ele, pela primeira vez em muitos dias, me escutava, me deixava falar sem me interromper, sem me corrigir”⁴⁴ (AGUILAR, 1992, p. 10). É no domínio da própria história que essa mulher, escritora contemporânea, consegue falar sem ser interrompida, sem ser corrigida a todo momento.

⁴¹ “El vestir era fundamental pero era mucho más importante que las bautizaran... Así no se justificaban muchas cosas con el pretexto de que no eran cristianas.”

⁴² “A medida que México va siendo conquistado, dominado, vencido... también... estoy siendo derrotada yo, porque ha comenzado a hundirse proporcionalmente, el poder, el señorío de mi familia...”

⁴³ “Me he vuelto una mujer callada, submisa, temerosa...”

⁴⁴ “Entusiasmada comencé a relatarle a mi acompañante lo que yo imaginaba había sucedido en aquella ciudad casi cinco siglos atrás. [...] Él, por primera vez en muchos días, me escuchaba, me dejaba hablar sin interrumpir, sin corregirme.”

Uma pedagogia do feminino também emerge no romance *En la mirilla del Jaguar*, quando se tece uma analogia da relação entre o celibato e o matrimônio. Nesse ponto, a narrativa discorre sobre a difusão da Teologia da Libertação nos anos 1970 na Guatemala:

E ali estavam eles, os sacerdotes que queriam imitar Jesus Cristo em tudo. Pode ser que a repressão sexual exaltasse ainda mais seus sentimentos místicos. Os pobres, os miseráveis, os indígenas eram a amada. Eles, o esposo, que guiaria seus passos. (CARRERA, 2002, p.83)⁴⁵

A amada é associada aos pobres, miseráveis e indígenas. Estes, por sua vez, são inferiorizados, incapazes de autonomia e precisam ser guiados. Novamente aparece a associação entre mulher e sujeitos racializados, que, por razões históricas, em nossa América Latina, coincidem com os grupos sociais mais explorados, “pobres, miseráveis”. Em percurso bem diferente dos caminhos traçados pela Igreja na Idade Média ou pelos conquistadores evocados nos romances de Rosibel Morera e de Rosário Aguilar, o caminho a que se dedicavam a abrir os padres da Teologia da Libertação foi o da autonomia, da igualdade e da justiça social. A inferioridade e a incapacidade dos pobres, miseráveis e indígenas tem a ver não com uma condição naturalizada, mas com iniquidades sociais históricas e aspectos conjunturais. Pode-se pensar que o desamparo seja, pois, de caráter circunstancial tanto para eles quanto para as mulheres que são evocadas a representá-los nessa analogia. Não obstante, é indiscutível a transparência de uma concepção do feminino como sujeito a ser guiado.

O movimento narrativo em direção ao tempo pretérito, como afirma Mackenbach (2016, p. 357), explicita a certeza da relevância do passado para compreender o presente. As figurações do feminino mobilizadas pelos romances analisados emergem de questões que palpitam no presente, atestando para o longo percurso que ainda resta na resignificação coletiva e nas práticas sociais imersas em traços da colonialidade que reverberam nas construções de gênero e racialização. Ao intervir na partilha do sensível, manifesta nos discursos sobre o passado, esses romances atuam, também, na significação do presente e apontam para possibilidades de imaginar um porvir alternativo.

⁴⁵ “Y ahí estaban ellos, los sacerdotes que querían imitar en todo a Jesucristo. Puede que la represión sexual exaltara aún más sus sentimientos místicos. Los pobres, los miserables, los indígenas, eran la amada. Ellos, el esposo, quien guiaría sus pasos.”

Vislumbrar o porvir

No contexto do pós-guerra centro-americano, coube às narrativas literárias a função social e política de imaginar a sociedade, as nações e a região como um todo, para além dos regimes autoritários do signo da violência. Enquanto incursões ao passado, articuladas às questões presentes, os romances históricos guardam anseios sobre o futuro e instigam a imaginação sobre porvir. A esse respeito, Mackenbach (2016, p. 358) observa “estas narrativas, como discurso literário regional que, em sua leitura e reescrita tanto da realidade histórica quanto do discurso da história e da memória, aspiram intervir no presente e, conseqüentemente, no porvir do Istmo”⁴⁶. Considerando a necessária relação da história com o presente e enquanto condição de projeção do porvir, nos perguntamos: o que esses romances históricos têm a dizer à nossa imaginação sobre o futuro?

La niña blanca y los pájaros sin pies aponta para a relação com a alteridade na valorização da mestiçagem e no anseio por formas não violentas de encontro. Aponta, ainda, para a possibilidade de que a experiência no tempo histórico – passado, presente e futuro – seja narrada por mulheres, a partir de perspectivas e sensibilidades próprias. *En la mirilla del Jaguar*, ao ser um tributo à trajetória do bispo e à própria Teologia da Libertação, alimenta a imaginação sobre um mundo que encarne seus valores e que faça valer o direito à justiça e à memória para poder seguir. Entre tais valores, as relações com a mulher também se transformam. *A pesar de mujer*, por sua vez, advoga por um mundo sem interdições de gênero nos campos da religião, do saber e das artes a partir da igualdade de condições e da dissolução da imagem da mulher como ser profano e incapaz.

Ao sinalizar para as ausências nos discursos sobre o passado, para a associação do feminino à dimensão do privado, para as implicações históricas, objetivas e subjetivas, da relação entre mulher, saber e poder e, por fim, para as faces de uma pedagogia do feminino que estabelece a distribuição de lugares e papéis sociais, os romances dialogam com questões imperativas ainda em nosso presente. Para além do âmbito regional centro-americano, tais questões atravessam a composição social, histórica e política do nosso

⁴⁶ “estas narrativas, como discurso literario regional que, en su lectura y reescritura tanto de la realidad histórica como del discurso de la historia y la memoria, aspiran intervenir en el presente y, por ende, el porvenir del Istmo.”

continente. E as contribuições para imaginar o passado e o futuro que os três romances aportam, integram nosso patrimônio imaginário latino-americano.

Referências

AGUILAR, Rosario. *La niña blanca y los pájaros sin pies*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1992.

CALVO, Yadira. *La aritmética del patriarcado*. San José, CR: Uruk Editores, 2013.

CARRERA, Margarita. *En la mirilla del Jaguar: biografía novelada de Monseñor Gerardi*. Ciudad de Guatemala: Fondo de Cultura Económica, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GRINBERG PLA, Valeria; MACKENBACH, Werner. La (re)escritura de la historia en la narrativa centroamericana. In: LEYVA, Héctor M.; MACKENBACH, Werner; FERMAN, Claudia (ed.). *Hacia una historia de las literaturas centroamericanas v.IV: Literatura y compromiso político. Prácticas político-culturales y estéticas de la revolución*. Ciudad de Guatemala: F&G Editores, 2018.

ISTARÚ, Ana. Palabras de histórica. In: CALVO FAJARDO, Yadira (ed.). *Ni miel ni hojuelas: Escribir desde la feminidad*. Antología. San José, CR: Editorial Universidad de Costa Rica, 2021.

KASCHAK, Ellyn. *Los llantos de la Antígona: la epistemología y la psicología de género*. San José, CR: Uruk Editores, 2020.

LOBO, Tatiana. *Asalto al paraíso*. San José: Editorial Universidad de Costa Rica, 1992.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul./dez., 2008. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.340>. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero09/colonialidad-y-genero/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em 26 jan. 2023.

MACKENBACH, Werner. Literatura, memória e história en Centroamérica. *Ivs Fvgit, Revista de Cultura Jurídica*, Zaragoza, n. 19, p. 354-358, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5979978>. Acesso: 26 jan. 2023.

MEZA MÁRQUEZ, Consuelo. Utopía y compromiso: relatos de vida de seis narradoras centroamericanas. In: MEZA MÁRQUEZ, Consuelo (Coord.). *Aportaciones para una historia de la literatura de mujeres de América Central*. Aguascalientes, MX: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2009. p. 173-231.

MORERA, Rosibel. *A pesar de mujer*. La aventura de la transgresión. Heredia: EUNA, 2004.

ORTIZ WALLNER, Alexandra. *El arte de ficcionar*: la novela contemporánea en Centroamérica. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2012a.

ORTIZ WALLNER, Alexandra. Escrituras de sobrevivencia: narrativa y violencia en Centroamérica. In: CORTEZ, Beatriz; ORTIZ WALLNER, Alejandra; RÍOS QUESADA, Verónica (ed.). *Hacia una historia de las literaturas centroamericanas v.III*: (Per)versiones de la modernidad. Literaturas, identidades y desplazamientos. Ciudad de Guatemala: F&G Editores, 2012b.

OYËWUMÍ, Oyèronké. *La invención de las mujeres*: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: Editorial en la Frontera, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências Sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org: Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramallete et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. Politique de la littérature In: RANCIÈRE, Jacques. *Politique de la littérature*. Paris: Éditions Galilée, 2007. p. 11-40.

ROBLES SANTANA, M. Aránzazu. Crónicas de la Conquista. Estereotipia de género en el choque entre dos mundos. El caso de Costa Rica. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 21, p. 269-286, jul./dez., 2014. DOI: <https://doi.org/10.11144/jahui21-011>

org/10.25058/20112742.14. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero21/cronicas-de-la-conquista-estereotipia-de-genero-en-el-choque-entre-dos-mundos-el-caso-de-costa-rica/> Acesso em: 27 jan. 2023.

SEGATO, Rita Laura. *Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres*. Puebla: Pez en el árbol, 2014.